

PERCEPÇÕES JUVENIS SOBRE O MUNDO DO TRABALHO E SUAS POSSIBILIDADES DE ACESSO¹.

Luciano Borges Muniz – Mestrando em Ciências Sociais na PUC/Minas
Dr. Regina de Paula Medeiros – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais
PUC/Minas.

RESUMO

Na última década do século XX a população jovem brasileira passou a ser alvo crescente do interesse público, com evidência especial nos discursos e nas pautas políticas no Brasil, tanto no âmbito federal, como estadual e local (ABRAMO, 2008). No Estado de Minas Gerais, com base na argumentação contemporânea, a juventude foi apontada como prioritária nas políticas públicas do governo do Estado, a partir do Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado (2007 – 2023).

Em 2009 o governo de Minas implantou o Centro de Formação e Experimentação Digital – Plug Minas, que tem como Missão: “Construir novas formas de convivência socioeconômica baseadas no protagonismo e na inovação para o mundo do trabalho, atuando em diálogo com o jovem na criação de oportunidades educacionais e aprendizagens significativas em domínios da cultura digital”. (Termo de Replicação. DEZ /2009). Como é possível perceber, trata-se de uma política pública específica para a juventude mineira, que tem pretensões amplas voltadas para o protagonismo juvenil, com ênfase na inovação para o mundo do trabalho, através do uso da cultura digital.

Este artigo tem a finalidade de analisar o tema juventude e mercado de trabalho tendo por referência os jovens que participam do Plug Minas. O problema que norteia nossas investigações e que serve de base para este artigo é a tentativa de compreender as percepções dos jovens sobre o mundo do trabalho. Para tanto, nos interessa observar o valor dado ao trabalho pelos jovens e de que maneira eles percebem suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho contemporâneo. Interessa-nos saber se a ideia de aumento das possibilidades de inserção profissional após participarem do Plug Minas, é determinante para a procura e permanência desses indivíduos no Programa.

¹ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude, Trabalho, Percepções.

DESENVOLVIMENTO.

Nos últimos anos os jovens têm sido alvo de diversos estudos com as mais variadas abordagens. O interesse pela investigação e compreensão dos modos de vida e características relacionadas aos jovens ganhou grandes proporções e não se limitou ao âmbito acadêmico. Um crescimento do interesse pelo tema juventude foi percebido já na década de 90, quando o tema passou a ser objeto de interesse da academia, de instituições governamentais e não governamentais e dos meios de comunicação (ABRAMO, 1997). Da década de 90 até os dias de hoje, o interesse por estudos sobre a juventude tem aumentado de forma considerável. Segundo Abramovay e Esteves, “o tema juventude alcançou maior visibilidade nos últimos quinze anos no Brasil como produto da interseção de vários domínios da vida social e da ação de diferentes atores”. (ABRAMOVAY e ESTEVES, 2007).

Essa importância dada à Juventude é percebida também por Abramo (2008). Segundo a autora “o termo nunca esteve tão presente nos discursos e nas pautas políticas”. O que se percebe é que atualmente os assuntos relacionados aos jovens têm feito parte dos círculos acadêmicos e da mesma forma tem feito parte dos discursos políticos, em uma intensidade que até então ainda não se havia verificado no Brasil (ABRAMO, 2008). Mas, se por um lado o interesse pela juventude é grande, existe, por outro lado, a dificuldade relacionada à definição do que é juventude. As perguntas do tipo, quem são os jovens ou o que são os jovens, permitem respostas variadas entre os pesquisadores, uma vez que existem várias juventudes possíveis de serem definidas a partir de situações, vivências e identidades sociais bastante variadas. (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006).

Antes que se fale das possibilidades de desenvolvimento de políticas públicas que contribuam de alguma forma para benefício da juventude, é necessário saber do que se fala quando se usa o vocábulo juventude. E nesse sentido, é evidente a dificuldade de definição do termo, visto que a população jovem se divide em grupos diferenciados, que apresentam características muito distintas em seus mais variados aspectos.

Portanto, não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si. Até porque, e conforme bem acrescentam Margulis e Urresti (1996), vivencia-se a condição juvenil de diferentes maneiras, em função das diferenças sociais e de parâmetros concretos, como o dinheiro, a educação, o trabalho, o lugar de moradia, o

tempo livre etc. Logo, a definição da categoria juventude em hipótese alguma pode ser a mesma para todos aqueles que nela estão enquadrados. (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2007.p.25)

Embora exista essa grande diversidade de sentidos para o que é ser jovem, os estudiosos do tema têm tentado demarcar conceitualmente o que é juventude. A definição sugerida por Abromavay e Castro é uma dessas tentativas e considera ser a juventude caracterizada como tempo ou período do ciclo da vida no qual os indivíduos atravessam da infância para a vida adulta e produzem significativas transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que podem variar de acordo com as sociedades, as culturas, as classes, os gêneros, a inscrição étnico-racial e a época. (ABROMAVAY e CASTRO, 2006.).

Fazendo referência à dificuldade de definição do que é juventude, Groppo (2000) considera que a sociologia da juventude tem a sua mais fraca colaboração no que se refere à tentativa de definição e conceituação do que é a juventude enquanto objeto de análise. Ainda segundo o autor, as definições sociológicas do termo juventude passam por dois critérios principais e norteadores que não se encontram em conciliação. São eles, o critério etário e o sócio-cultural. (GROPPO, 2000)

Essa dificuldade de definição apontada por Groppo parece ser consenso entre os autores que se dedicam ao tema juventude. A mesma dificuldade é apontada por (ABRAMO, 2008; ABRAMOVAY e CASTRO, 2006; FRIGOTTO, 2004; PERALVA, 1997; SPOSITO, 2003). Os autores citados nos afirmam a necessidade de não se tomar o conceito juventude como um conceito rígido e no singular. Como se existisse uma única juventude. Os referidos autores aconselham o uso do termo juventudes no lugar de juventude como uma forma de se aproximar de uma definição que leva em conta a diversidade de situações existentes que afetam os indivíduos nesse momento da vida denominado juventude. (SPOSITO, 2003).

Contribuindo para um melhor entendimento do conceito que, segundo os critérios apontados, permanece sem uma nítida definição, Groppo prefere definir juventude como uma categoria social. Por essa abordagem a juventude enquanto uma categoria, seria construída com uma representação sócio-cultural e como um momento social que é definido por “concepções, representações ou criações simbólicas fabricadas pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos.” (GROPPO, 2000). A tentativa do autor nos parece ser no sentido de se distanciar da conceituação baseada no critério etário, definido a partir de pressupostos naturais e objetivos, e ampliar as possibilidades de definição a partir de outros critérios baseados nas representações simbólicas.

Esse esforço de Groppo parece contribuir para fugir dos equívocos das definições que limitam o conceito à ideia de um grupo social coeso e rígido, baseado apenas no critério da faixa etária. Ainda nesse sentido, e mesmo dispondo da reflexão de Groppo, é importante, para ampliar essa discussão, observar o que Abramo aponta sobre a juventude. Para a autora embora o termo seja daqueles que pareçam óbvios e por isso mesmo pareça daqueles assuntos que todo mundo tem algo a dizer, quando se tenta precisar o significado do termo, as dificuldades aparecem e demonstram que a imprecisão própria do conceito juventude é algo relevante. (ABRAMO, 2008).

Somos simpáticos à definição de Groppo, já citada anteriormente. No nosso entender, essa definição não exclui a possibilidade de pensar o que é o jovem a partir de uma definição baseada na faixa etária, mas sim amplia as possibilidades de definição para além da ideia de idade, entendendo a juventude como um momento social carregado de representações simbólicas e que é sentido de diversas maneiras pelos indivíduos. Consideramos necessária essa visão proposta por Groppo já que as definições baseadas na faixa etária são divergentes e têm cada vez mais se mostrado instáveis a partir das pesquisas sobre o tema. E por isso, definições desse tipo se mostram insuficientes, quando tomadas singularmente, para definir o que é juventude.

Como aponta Abramovay e Esteves é comum o uso da faixa de 15 a 24 anos para definir quem se encontra na fase da vida denominada juventude, no entanto, esse uso não é padrão. Os autores mostram que a pesquisa espanhola, *Informe Juventud en España*, considera a faixa etária de 15 a 29 anos e a pesquisa feita pelo Instituto Mexicano de La Juventud, *Encuesta Nacional de Juventud 2000*, usa a faixa etária de 12 a 29 anos, para considerar o que é juventude. Os mesmos autores apontam ainda que, no debate contemporâneo sobre juventude, muitos pesquisadores defendem a extensão dessa faixa etária para além dos 24 anos, já que, segundo eles, a construção da autonomia, que é uma marca desse momento da vida, avança crescentemente sobre os anos a partir dessa faixa etária que termina nos 24 anos de idade. (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2007).

Diante do que foi apontado até aqui, partimos desse pressuposto em que o termo juventude dá conta de uma condição social vivida pelos indivíduos de formas diferentes e particulares. Assim nos afastamos da definição puramente etária e também da definição sócio-cultural que considera a juventude como fase de transição da infância para a vida adulta, como se esse período da vida se caracterizasse pela ausência de sentido, já que representaria uma fase de preparação para a vida adulta e não fosse além disso.

Esse problema de definição conceitual que marca os estudos sobre juventude, parece não ser algo peculiar ao tema. Embora essa dificuldade apareça mais nitidamente para alguns conceitos, dos quais juventude nos parece ser um exemplo, essa mesma dificuldade se verifica em outros conceitos. Isso ocorre em função da complexidade derivada da diversidade das dimensões estruturais e simbólicas do mundo social e dos sentidos criados e atribuídos pelos sujeitos sociais. (SETTON, 2011). Isto quer dizer que esses sentidos que os sujeitos sociais criam e atribuem ao mundo social, permitem que várias categorias sociais possam ser concebidas de formas diferenciadas. Assim o que é ser jovem pode ser pensado e vivido de múltiplas maneiras.

CONDIÇÕES JUVENIS EM MEIO AO MERCADO DE TRABALHO ATUAL

Vários autores apontam que os jovens são representantes de um segmento social com claras dificuldades de inserção no mercado de trabalho no contexto atual. Sobretudo quando se fala de inserção qualificada (Castel, 1998; Leite, 2009; Neves, 2009; Sorj, 2000; Cotanda, 2011). Com base nesses estudos, pode-se dizer que o mercado de trabalho tem se apresentado de forma estratificada, onde se encontra postos de trabalho bastante diferenciados. Existe uma hierarquia de ocupações onde alguns indivíduos são selecionados e outros preteridos para determinadas funções. Essa seleção de pessoas, onde alguns servem e outros não servem, representa um traço marcante do novo cenário flexibilizado. E é nesse cenário que se percebe que o jovem tem sido parte daquele grupo social que ocupa os piores postos de trabalho dessa hierarquia. Sobre isso, aponta Sorj:

O resultado disso é uma forte estratificação do mercado de trabalho em que os níveis inferiores de emprego, em tempo parcial ou temporário, são preenchidos predominantemente por minorias, mulheres e jovens com baixa escolaridade e, portanto, poucas oportunidades de carreira e mobilidade. (SORJ, 2000, p. 30).

Pessoas que compõem determinados níveis sociais se veem forçados a ocuparem as piores ocupações, evitando uma realidade ainda pior, que seria causada pela ausência de ocupação de qualquer tipo. As relações que se desenvolvem envolvendo esses indivíduos e seus empregadores têm se apresentado de forma bastante complexas. O trabalho juvenil muitas vezes tem sido usado como justificativa para as empresas pagarem salários baixos aos indivíduos que se encontra na faixa etária considerada juvenil. Além disso, os jovens são também utilizados como mão-de-obra em empresas que organizam suas jornadas de trabalho

em tempo parcial e empregam jovens com salários baixos e justificam essa condição salarial em função da jornada de trabalho diminuída. (LEITE, 2009).

Ainda sobre essas formas precárias de ocupação destinadas aos jovens, percebe-se que esses indivíduos, na maioria das vezes, se inserem na esfera produtiva com contratos diferenciados dos demais trabalhadores. Para resolver o problema do desemprego, muitos jovens se ocupam em estágios temporários frente à ausência de um posto de trabalho melhor. E quando se tornam mais uma vez desempregados, após o cumprimento do tempo determinado, se deparam com a dificuldade de nova inserção no espaço produtivo em função das exigências crescentes de se ter um perfil atualizado com competências diferenciadas (NEVES, 2009).

Percebemos que nos estudos sobre o tema, a questão da relação entre Jovens e o mundo do trabalho se apresenta a partir de duas tendências principais. Se de um lado temos as ocupações precárias e desqualificadas que absorvem em grande medida a mão-de-obra juvenil, por outro temos o problema do desemprego que tem atingido majoritariamente esse grupo social. Analisando os dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho), Cotanda (2011) aponta que, em 2009, o desemprego atingiu os níveis mais altos da história e a metade da população desempregada era constituída por jovens entre 15 e 24 anos.

Observando as funções que os jovens têm desempenhado e as relações que eles têm estabelecido na esfera do mundo do trabalho, percebemos que existe um descompasso entre os sentidos que esses indivíduos atribuem ao trabalho e a expectativa que eles criam em torno dessa categoria com as condições reais e formas de inserção que eles tem tido acesso. E isso porque o trabalho representa mais do que apenas um meio para a sobrevivência dos indivíduos que dele se beneficiam, quer sejam jovens ou não. Além de proporcionar a sobrevivência dos indivíduos que dependem dele para sua manutenção, o trabalho atua como elemento constitutivo das subjetividades do indivíduo, bem como de suas identidades e vínculos sociais. (COTANDA, 2011).

E mesmo que hoje o trabalho tenha assumido várias formas, ele continua a ser central para os indivíduos, visto que a maioria das pessoas tem no trabalho um dos elementos mais importantes na determinação de suas condições de vida (SORJ, 2000). Leite (2009) reforça essa ideia quando aponta que qualquer inserção ocupacional, por mais precarizada e deteriorada que seja ainda é central na vida de uma pessoa, pois é ela que garante sua sobrevivência.

Se tratando dos jovens brasileiros, o trabalho, embora tenha passado por todas essas transformações nas formas e sentidos, ainda aparece como conceito cheio de significados e

indispensável para a realização dos seus projetos de vida. Para estes o trabalho é importante elemento provedor de necessidades, produtor de independência, gerador de crescimento e auto-realização. Para a juventude o trabalho não apenas continua sendo tema importante, como se destaca como assunto de interesse, em relação a outros assuntos que poderiam parecer mais “tipicamente juvenis” como sexo e drogas (GUIMARÃES, 2008, p. 150).

AS PERCEPÇÕES DA JUVENTUDE MINEIRA PARTICIPANTE DO PLUG MINAS

O Centro de Formação e Experimentação Digital – Plug Minas é um projeto que faz parte das políticas públicas do governo de Minas Gerais voltado para a população jovem de Belo Horizonte e região metropolitana. O programa atende jovens que se encontram na faixa etária de 14 a 24 anos de idade, estudantes ou egressos de escolas da rede pública de ensino. O Plug Minas foi inaugurado em junho de 2009 e tem sua gestão feita pela OSCIP – Organização da sociedade civil de interesse público - Instituto Cultural Sérgio Magnani. O projeto funciona com núcleos independentes que realizam atividades distintas, mantidos e coordenados por parceiros da iniciativa privada e entidades da sociedade civil. O funcionamento interno do programa obedece à lógica da orquestração dos núcleos, onde se desenvolvem atividades voltadas para o uso da cultura digital, da tecnologia, das artes e do empreendedorismo. (SILVA, 2012).

Ao mesmo tempo em que os núcleos possuem autonomia em suas formas de organização, característica necessária já que cada um deles desenvolve atividades bastante distintas, é exigido desses núcleos que se observe os parâmetros e diretrizes estabelecidos por alguns documentos que regem o programa. No regimento interno do Plug Minas percebe-se essa preocupação. Nesse documento se encontra os seguintes dizeres: “as atividades devem ser guiadas pelos princípios gerais deste documento e pelas Diretrizes Pedagógicas do Plug Minas, e se unificam com as características e objetivos de cada Núcleo”. (Regimento Interno – Plug Minas).

Atualmente se encontra em funcionamento 8 (oito) núcleos, no entanto, os que contam com o envolvimento dos jovens através de matrícula e frequência, são 5 (cinco) e, por essa razão, apenas estes núcleos nos interessaram para a realização desta pesquisa. Estes núcleos, com os quais trabalhamos são: Empreendedorismo juvenil, Inove – Jogos Digitais, Valores de Minas, Oi-Kabum e Laboratório de Culturas do Mundo. Embora exista grande diferença entre

as atividades desenvolvidas em cada um desses núcleos, todos eles têm como eixo o uso das tecnologias, da cultura digital, do empreendedorismo e/ou da arte².

O Plug Minas se organiza a partir de um objetivo principal, que direciona as ações de todos os núcleos que é fazer com que os jovens participantes desenvolvam competências para lidar com os mais variados aspectos da cultura digital, da tecnologia e das artes e que a partir da apropriação dessas competências os jovens se coloquem no mundo, como protagonistas de sua própria trajetória, usufruindo o seu direito ao trabalho, à educação e à participação. De acordo com o documento intitulado *Termo de Replicação*, a missão do Plug Minas é:

Construir novas formas de convivência sócio-econômica baseadas no protagonismo e na inovação para o mundo do trabalho, atuando em diálogo com o jovem na criação de oportunidades educacionais e aprendizagens significativas em domínios da cultura digital. (Termo de Replicação, 2009, p. 6).

Segundo Lara (2010) a proposta do Plug Minas é atuar no potencial da juventude, percebendo os jovens como co-produtores de um presente concreto baseado em suas competências emergentes nas áreas da tecnologia e arte, com ênfase no mundo do trabalho, na educação e na participação do jovem como agentes mobilizadores de forças políticas e sociais. O programa tem por objetivo alcançar resultados nas áreas da educação, da participação social e do trabalho, nesta última com ênfase na qualificação, inserção profissional e empreendedorismo juvenil (LARA, 2010).

A formação técnico-profissional não é a única pretensão do projeto, uma vez que ele almeja uma qualificação mais ampla que dê conta de promover novas formas de convivência social baseadas no protagonismo e na criação de oportunidades e aprendizagens significativas em domínios da cultura digital. No entanto, a formação e capacitação para o trabalho nos parecem ser um objetivo central do Plug Minas. O que nos faz sugerir que o trabalho ocupa um lugar de destaque na proposta do Plug Minas é o fato do tema trabalho estar presente nos objetivos do programa de forma bastante evidente.

De acordo com os documentos institucionais, consta que um dos objetivos do programa é conseguir resultados positivos no que se refere à inserção econômica, cultural e política de seus participantes, através das atividades desenvolvidas pelos jovens no Plug Minas. O próprio discurso dos jovens participantes reforça a ideia de centralidade do trabalho.

² Para saber mais sobre a estrutura e funcionamento do Plug Minas, ler LARA, Ana Carolina de Siqueira. Plug Minas: A Gestão de um Projeto Social por uma OSCIP em Minas Gerais. III Congresso Consad de Gestão Pública. 2010.

Parte significativa dos jovens participantes do programa declara ter o trabalho como elemento que o fez procurar o Plug Minas. Dessa forma entendemos que mesmo que o Plug Minas não seja uma instituição que pretende tão somente a formação profissional dos jovens, muitos deles têm buscado o programa com a expectativa de instrumentalização para uma inserção no mercado de trabalho.

Partindo do pressuposto que pesquisar o universo dos jovens envolvidos com o Plug Minas nos possibilitaria entender aspectos da relação entre juventude e mercado de trabalho, iniciamos nossa investigação buscando informações que nos fossem úteis nesse sentido. Para a realização desta pesquisa, está sendo utilizada a metodologia qualitativa, através de técnicas como: entrevistas dialógicas, entrevistas semi-estruturadas, e observação direta. Até o momento, foram concluídas as fases de análise bibliográfica e documental e estamos em fase de pesquisa de campo entrevistando os coordenadores dos núcleos e os jovens participantes do Plug Minas.

As informações utilizadas são referentes aos jovens que participam ou se inscreveram para participar de algum núcleo do Plug Minas no ano de 2012. Observando os números de jovens matriculados e dos que fizeram inscrição, mas não efetivaram sua matrícula no programa, fizemos opção por realizar entrevistas com grupos de jovens matriculados e frequentes no Plug Minas e jovens que embora tenham se inscrito, não foram matriculados no programa por alguma razão.

O número de alunos matriculados/frequentes no Plug Minas em 2012, somando os números de todos os núcleos, é 1320 e os que foram inscritos e não estão matriculados por alguma razão são 7846. Fazendo a separação desses jovens por sexo temos o seguinte quadro:

COMPOSIÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA POR SEXO				
GRUPOS	GRUPO DE JOVENS FREQUENTES		GRUPO DE JOVENS NÃO-MATRICULADOS	
	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO
SEXO	761	559	4982	2864
TOTAL	1320		7846	

FONTE: PLUGMINAS, 2012

Diante destes dados percebemos que o número de jovens do sexo feminino é superior tanto no que se refere aos jovens matriculados, quanto no que se refere aos jovens que se inscreveram e não efetivaram a matrícula. Percebemos ainda que o número de jovens que

procuram o Plug Minas, mas que não efetivam sua matrícula é bastante significativo. Composto o número de não matriculados se encontram tanto os reprovados no processo seletivo quanto aqueles que após realizarem sua inscrição, por meio eletrônico, não continuaram o processo até se matricularem no Plug Minas. De qualquer forma é importante salientar que o número de jovens que se interessam por fazer parte do programa é muito maior do que o número de jovens que fazem parte dele efetivamente. Como até o momento foi possível apenas realizar entrevistas com grupos de alunos frequentes, não foi possível, ainda, ter informações que possam contribuir para que se chegue a respostas sobre as razões da não efetivação da participação desses jovens no Plug Minas.

Podemos dizer que os resultados preliminares apontam para o fato dos jovens continuarem considerando o trabalho como uma categoria central para suas vidas, ao mesmo tempo em que percebem as dificuldades de uma inserção profissional satisfatória em meio ao mundo do trabalho contemporâneo. A partir da percepção dessas dificuldades o jovem entende que precisa se qualificar para conseguir sua inserção. Diante disso, parece ser possível afirmar que os jovens que procuram o Plug Minas, de alguma forma, estão interessados nas possibilidades relacionadas ao mundo do trabalho. O estar no Plug Minas, participando dos núcleos é apontado pelos jovens como um elemento que potencializa a entrada deles no mundo do trabalho como jovens com melhor preparação. Muitos falam sobre continuar estudando ou trabalhando na mesma área de atuação desenvolvida nos núcleos do programa. Isso serve como indicação que a passagem pelo Plug Minas é vista como o início de um processo maior que se completaria com a faculdade, vista como um passo a mais para a profissionalização, ou com a própria atuação profissional.

Ao mesmo tempo em que percebem que a participação deles no Plug Minas pode favorecer a tão desejada inserção profissional, estes jovens percebem também que apenas a participação não basta. A ideologia da empregabilidade, pela qual o sujeito é apontado como sendo o maior, senão o único, responsável pelo seu sucesso ou fracasso profissional, está presente na fala destes jovens. A qualificação, a necessidade constante de continuar estudando, de adquirir qualidades exigidas pelo mercado de trabalho, como responsabilidade, compromisso, maturidade, são pontos que aparecem no discurso juvenil.

Sobre a realidade das ocupações juvenis, os jovens percebem que os postos de trabalho que se encontram reservados para eles são aqueles que apresentam as piores condições no que se refere a salário, garantias e condições de trabalho. Serviços temporários, informais, estágios são descritos como atividades predominantes no meio juvenil. Na percepção dos jovens estes tipos de trabalho são os que se pode encontrar nessa fase da vida. E conquistar

tipos de trabalhos diferentes desses depende, em larga medida, ou mesmo de forma exclusiva, das capacidades individuais que cada um é capaz de desenvolver e da busca por qualificação constante.

Embora nossas investigações buscassem informações sobre a relação entre juventude e trabalho, as entrevistas feitas com os jovens do Plug Minas nos mostraram possibilidades de interpretações variadas acerca do universo juvenil. Embora a procura pelo Plug Minas e a permanência dos jovens no programa tenha relação com o desejo de inserção no mercado de trabalho e com perspectivas futuras, muitos deles demonstraram através da fala, a valorização dos processos de sociabilidades construídos com os outros jovens participantes do programa. Frequentemente os jovens marcavam encontros para se divertirem. Quando questionados sobre o que faziam quando saíam para os passeios, era recorrente a indicação de que o que importava era estar juntos, rir, se divertir. O lugar não era tão importante desde que a diversão ocorresse. Um dos jovens se referiu ao metrô como um lugar possível de se divertir. Segundo ele, durante o trajeto de ida e volta do Plug Minas era possível se divertir, dar risadas, bater papo.

Percebemos ainda que a participação no Plug Minas atua como elemento formador das identidades juvenis. Cada núcleo parece ter criado uma identidade específica como marca de distinção para os jovens que dele participam. Os jovens do núcleo Empreendedorismo juvenil eram vistos pelos demais como os mais “certinhos” do Plug Minas, enquanto que os do núcleo Valores de Minas eram vistos e se viam como os mais “extrovertidos, malucos e diferentes”, conforme apontou uma jovem do próprio núcleo. Os demais núcleos também carregavam essas marcas de distinção, sempre evidenciadas pelos jovens para diferenciar seu núcleo e eles mesmos dos demais jovens dos outros núcleos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos materiais que temos até o momento, pode-se, portanto, fazer essas primeiras observações. Fica claro a importância do trabalho para os jovens, o que serve como elemento determinante para a participação no Plug Minas, ao mesmo tempo em que fica claro também que os jovens não estão no programa apenas em função das expectativas relacionadas ao mundo do trabalho. A ideia de autonomia, criatividade, liberdade e aperfeiçoamento se encontram nas falas da maioria dos jovens que foram entrevistados. Diante disso consideramos que os jovens se encontram em meio a um momento que chega ao ponto de ser conflituoso, pois ao mesmo tempo em que se apresenta como tempo de preparação e de

pensar no futuro, sobretudo na questão do mundo do trabalho e das necessidades para efetivação da inserção profissional, é também o tempo da diversão, do contato com os pares, da formação identitária, do “aproveitar a vida”.

O Plug Minas nos parece existir para os jovens participantes como um lugar que possibilita a realização das muitas necessidades que o indivíduo tem nessa fase da vida. Através do uso constante da cultura digital e da interação constante com os outros jovens, os participantes dos mais variados núcleos do Plug Minas parecem encontrar ali um lugar para pensar e se preparar para o futuro, sem deixar de atender as necessidades do tempo presente que o jovem carrega consigo, de estar conectado ao mundo das tecnologias, de desenvolver suas capacidades criativas, da constante interação com seus pares, da necessidade de ver e ser visto pelos demais, etc.

Um jovem participante do núcleo Oi-Kabum, durante uma entrevista em grupo, falava de uma invenção sua que possibilitava desenhar com os pés através de aparelho desenvolvido por ele. O mesmo jovem dizia que após participar do Plug Minas (núcleo Oi Kabum) teve conhecimento de formas variadas de participação social. Durante a mesma entrevista ele relatou que, através do Plug Minas, havia tomado conhecimento de um edital sobre projetos sociais e a partir daí elaborado um, enviado para avaliação e que estava ansioso para obter o resultado para saber se seu projeto havia sido aprovado ou não.

Esse jovem, embora não fosse o único, se demonstrava bastante envolvido com o Plug Minas, falando inclusive da vontade de continuar suas atividades no programa após concluir o curso que ele fazia. Vários outros jovens falavam da vontade de terminar as atividades em um núcleo e ingressar nos outros. Embora nossa pesquisa ainda esteja em andamento, ainda em fase de pesquisa de campo, o que impossibilita uma análise de todo o material que será produzido, o que temos até o momento indicam para essa direção. De que os jovens do Plug Minas se sentem parte de um programa que os possibilitam experimentar a fase juvenil se preparando para uma inserção no mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que os oferecem possibilidades para atuarem e vivenciarem a condição juvenil de forma conectada com o tempo presente.

Por fim, foi possível encontrar jovens que consideravam suas participações no Plug Minas como oportunidades para crescer como indivíduo, fazer contato, conhecer caminhos. O discurso institucional do Plug Minas que considera o centro como lugar privilegiado para a juventude mineira desenvolver competências para se colocar no mundo como protagonistas de suas próprias trajetórias, parece ir de encontro com o que os jovens percebem sobre o programa. Muitos deles enfatizam em suas falas as oportunidades que a participação no Plug

Minas oferece a eles. As apresentações do que eles produzem nos núcleos, o conhecimento adquirido no programa, a possibilidade de negociar com os professores e coordenação sobre decisões que envolvem os jovens, a liberdade de criação evidenciada nos projetos desenvolvidos nos núcleos, são elementos apontados pelos jovens como pontos positivos das práticas vivenciadas no Plug Minas. Diante disso, consideramos possível sugerir que, os jovens ao procurarem o Plug Minas, o fazem, sobretudo pensando nas possibilidades de inserção profissional, no entanto, essa pretensão perde a sua forma de condição única determinante para que os jovens permaneçam no programa após iniciadas as atividades.

Embora as atividades do Plug Minas contribuam para uma melhor adequação do jovem ao mundo do trabalho, inclusive desenvolvendo atributos que são marcas da lógica da nova cultura do trabalho, como empregabilidade, protagonismo, iniciativa e flexibilidade, os jovens percebem sua participação no programa como algo que lhes oferecem mais do que isso. Para estes jovens os saberes adquiridos com a participação no Plug Minas podem ser usados para o mundo do trabalho ou em outras esferas da vida social fora dele. No entanto, retomamos a ideia desenvolvida anteriormente, de que o protagonismo juvenil, pretendido pelo Plug Minas, se realiza, ao menos em grande parte, através da inserção desses jovens no mercado de trabalho. Pensar um indivíduo protagonista, tendo autonomia para tomar decisões, se posicionando frente à realidade social, tendo condições de fazer escolhas sobre o que é melhor para ele mesmo, sem que esse indivíduo tenha condições de ter uma inserção qualificada no mercado de trabalho é algo incoerente. Partimos do princípio que um indivíduo para ser protagonista precisa ter acesso ao trabalho e usufruir de todas as vantagens sociais derivadas dele.

Concluimos, portanto que a primeira motivação para o interesse juvenil em participar do Plug Minas, embora possa não ser a única, é a expectativa de se instrumentalizarem para facilitar a inserção deles no mercado de trabalho. E que essa motivação vai de encontro aos princípios do programa que espera para esses jovens o desenvolvimento do protagonismo, munindo-os com conhecimentos e habilidades para, dentre outras conquistas, se inserirem no mundo do trabalho de forma satisfatória.

REFERÊNCIAS:

ABRAMO, H. W. “Condição juvenil no Brasil contemporâneo”. In: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 37-72.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: PERALVA, Angelina e SPOSITO, Marília (orgs). Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, n.5/6, mai/dez. 1997, p.25-36.

ABRAMOVAY, M; CASTRO, M. G. (Coords.) Juventude, juventudes: o que une e o que separa. Brasília: UNESCO, 2006.

ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R. e ESTEVES, L. C. G. (orgs). Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.

CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

COTANDA, Fernando Coutinho. Trabalho, sociedade e sociologia. IN: HORN e COTANDA (org). Relações de trabalho no mundo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (Orgs.) Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-216.

GROPPO, Luiz Antônio. Ensaio sobre Sociologia e História da Juventude Moderna. Rio de Janeiro: DIEF, 2000.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? IN: ABRAMO, Helena e BRANCO, Pedro (orgs). Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

LARA, Ana Carolina de Siqueira. Plug Minas: A Gestão de um Projeto Social por uma OSCIP em Minas Gerais. III Congresso Consad de Gestão Pública. 2010.

LEITE, Márcia de Paula. O trabalho e suas reconfigurações: conceitos e realidades. IN: LEITE, M. e ARAÚJO, A. O trabalho reconfigurado – ensaios sobre o Brasil e México. São Paulo: ANNABLUME, 2009.

NEVES, Magda. Dinâmicas de trabalho na cidade: informalidade e autogestão. IN: LEITE, M. e ARAÚJO, A. O trabalho Reconfigurado – ensaios sobre o Brasil e México. São Paulo: ANNABLUME, 2009.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. In: PERALVA, Angelina e SPOSITO, Marília (orgs). Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, n.5/6, mai/dez. 1997, p.25-36.

Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado – PMDI – 2007 – 2023. Disponível em: >http://www.planejamento.mg.gov.br/governo/publicacoes/arquivos/Plano_Mineiro_Desenvolvimento_Integrado_Final.pdf. Acesso em: 14 Fev. 2012.

PLUG MINAS -TERMO DE REPLICAÇÃO – CRITÉRIOS. Dezembro de 2009. Disponível em: > www.plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20110105105039109. Acesso em: 14 Fev. 2012.

SETTON, M. G. J. . Sociabilidade juvenil, mídias e outras formas de controle social. In: Maria Ignez Costa Moreira. (Org.). IV Jubra - Um mosaico de possibilidades. 1 ed. Belo Horizonte: 2011, v. 1, p. 1-15.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Mudanças no Mundo do Trabalho: Uma Nota. Disponível em:> <http://www.fafich.ufmg.br/nesth/IIIseminario/texto11.pdf>. Acesso em: 20 Jan. 2012.

SORJ, Bila. Sociologia e Trabalho: mutações, encontros e desencontros. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15 no. 43 junho/2000.

SPOSITO, Marília Pontes. Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas públicas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.